

## **O ENSINO DA FICÇÃO COM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: DO CONFLITO DO LEITOR À MEDIAÇÃO DOCENTE**

RENATA KARLA LINS BEZERRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE).

### **Resumo**

Este estudo investiga a relação que crianças e professores estabelecem entre ficção e realidade na leitura de histórias em quadrinhos. A relevância desse estudo está na possibilidade de perceber as relações estabelecidas com a ficção, tais como conflitos, rejeições e diálogos com a realidade, em situação escolarizada. A pesquisa é de caráter qualitativo e realizou-se em escola da rede pública estadual localizada em Natal/RN. Constitui-se da realização de dez sessões de leitura intertextual de Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica e Contos de Fadas, em três turmas do 4º ano do ensino fundamental, denominadas A, B e C de controle. As professoras das turmas A e B participaram de estudos teóricos e elaboraram os planos das sessões de leitura, mediante orientações dos pesquisadores. O registro das sessões foi feito em áudio, vídeo e observação in loco. A partir das transcrições dos dados, considerando as discussões de pós-leitura das histórias em quadrinhos, foram selecionados para análise os sujeitos que apresentaram dificuldades no trânsito entre real e ficção. Analisaram-se as perguntas e respostas elaboradas pelos sujeitos sobre ficção, percebendo as intervenções das docentes ao mediar essa situação de leitura. Como referencial teórico optou-se por Amarilha (2006), Bauer e Gaskell (2002), Cirne (1994; 2002; 2005), Eco (1987). Verificou-se incipiente formação leitora dos aprendizes, demonstrando transição no discernimento entre o real e ficção. A lacuna na formação docente repercutiu na dificuldade em mediar o conflito cognitivo diante do contexto ficcional.

### **Palavras-chave:**

Ficção, história em quadrinhos, formação do leitor.

O estudo investiga a relação ficção e realidade a partir da leitura de histórias em quadrinhos em sessões realizadas com crianças e professores em escola do ensino fundamental. A investigação fez parte de uma pesquisa maior que estudou a contribuição desse gênero ficcional na formação do leitor. A pesquisa é de caráter quase experimental e foi realizada em uma escola da rede pública estadual no Município de Natal, estado do Rio Grande do Norte (Brasil). O projeto visou conhecer as possibilidades formativas da leitura da palavra e da imagem (semiótica) fazendo o trajeto do repertório que os alunos trazem para a escola - os quadrinhos para os Contos da tradição literária dos irmãos Grimm, Perrault e Andersen proporcionando experiência de leitura que transita do mundo para a escolaridade.

Foram selecionadas três turmas do 4º ano do ensino fundamental denominadas A, B e C de controle. As professoras das turmas A e B participaram de estudos teóricos e produziram os planejamentos das sessões de leitura com os pesquisadores. A professora da turma C realizou os planejamentos, sozinha, a partir dos seus conhecimentos prévios.

Após os estudos com os pesquisadores e a produção dos planejamentos das aulas de leituras, as professoras das turmas A e B voltaram às suas respectivas turmas para implementar as sessões fundamentadas na estratégia da andaimagem. Esse procedimento "é uma série de atividades especificamente desenhadas para assistir

um grupo particular de estudantes a ler com sucesso, entender, apreender, e apreciar uma seleção particular [de texto]" (GRAVES & GRAVES, 1995). Os procedimentos da andaimagem contemplam as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura das histórias. As professoras em seus planejamentos elaboravam perguntas de pré-leitura que deveriam, na discussão em grupo, estimular a previsão dos possíveis sentidos do texto a ser lido. Na pós-leitura, as perguntas usadas pelas mediadoras centravam na possibilidade dos alunos comentarem a experiência vivenciada durante a leitura, discutindo temáticas relevantes contidas no enredo, prevalecendo a participação dos alunos e valorizando os sentimentos, as emoções e dúvidas experimentadas durante a leitura.

Foram realizadas dez sessões consecutivas de leituras de textos que mantêm relação intertextual de histórias em quadrinhos da turma da Mônica e de Contos de fadas clássicos. As histórias em quadrinhos selecionadas fazem a paródia dos contos literários seja do enredo, seja das imagens. Apresentam narrativa leve e bem humorada, qualidades próprias do gênero quadrinizado em pauta.

As sessões aconteceram com a leitura em voz alta feita pela docente enquanto os aprendizes acompanhavam-na com as revistas ou os livros em mãos. Inicialmente, os quadrinhos seriam lidos em silêncio, e o texto literário em voz alta. Entretanto, as professoras considerando o desenvolvimento em leitura das crianças, decidiram fazer a leitura em voz alta também dos quadrinhos. Os registros das sessões de leitura foram feitos em áudio, vídeo e observação *in loco*.

A partir dos dados da pesquisa, considerando a participação dos alunos nas discussões de pós-leitura das histórias em quadrinhos, foram selecionados para análise, neste artigo, episódios que mostram alguns tipos de dificuldades enfrentadas pelos aprendizes no trânsito entre real e ficção. Analisaram-se perguntas e respostas elaboradas pelos sujeitos sobre ficção e realidade decorrentes da leitura, percebendo-se as intervenções das professoras ao mediar essa situação de leitura.

Na análise dos dados, busca-se conhecer os meandros do processo de leitura de ficção percorridos pelos alunos e a atuação das professoras no decorrer da mediação. Assim, pretende-se estudar a relação ficção e realidade percebendo como acontece a mediação realizada pelas docentes intencionando a superação ou manutenção dos conflitos na leitura de ficção dos alunos.

Para essa análise, foram selecionados episódios das sessões de leitura em que se identificam alguns conflitos dos aprendizes e a decorrente mediação das docentes.

## ERA UMA VEZ UM GÊNERO DE FICÇÃO: O CASO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos surgiram em meados do século XIX, juntamente com a explosão da revolução industrial e das novas tecnologias na área da impressão tipográfica. Desde o início, esse novo gênero, que era voltado para o público infanto-juvenil, teve grande circulação e aceitação, inclusive, entre os adultos.

Considerados como cultura de massa gerada pela indústria cultural (ECO, 1987), os quadrinhos exploram criativamente elementos da cultura popular e as transformam em uma obra ficcional distribuída em imagens e palavras.

A ficção no texto quadrinizado se revela de maneira sequencial, como uma narrativa gráfico-visual que apresenta suas próprias especificidades, tais como rapidez, leveza e agilidade na narrativa. Essa arte sequencial necessita de no mínimo dois desenhos se relacionando para tornar, de fato, texto ficcional narrativo. Para os quadrinhos, o bom agenciamento narrativo, ao lado de um bom argumento, é essencial (CIRNE, 2002). O conteúdo ficcional dos quadrinhos pode acrescentar características realistas, dramáticas e até fantásticas, como afirma Cirne (2005):

Os quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual e como tal, a partir de sua elevada taxa de ficcionalidade, podem se voltar para esta ou aquela determinada realidade social, poética, fantástica, naturalista etc. Mas, a rigor, sempre estiveram mais perto da fantasia do que da realidade pura e simples (CIRNE, 2005, p. 50).

A grande diferença das histórias em quadrinhos para outros gêneros ficcionais é a presença constante de imagens. Os outros gêneros, como os contos de fadas, podem ser ilustrados, mas, nos quadrinhos, as imagens, em relação simultânea e de interdependência com as palavras, são partes constituintes do próprio gênero e, por isso, são fundamentais para o desenrolar da narrativa. Com isso, a ficção do gênero quadrinizado se apresenta de maneira híbrida, no diálogo entre imagens e palavras, de modo que o leitor não tem acesso apenas ao fato ficcional narrado, mas também à sua representação imagética.

No que se refere à hibridez desse gênero, pode-se observar que palavras e imagens se complementam na composição da narrativa. Nesse movimento, a ficção ganha legibilidade, dinamicidade e ritmo, aproximando-se mais da leveza e do humor.

No projeto gráfico, existem também os balões, que variam conforme a linguagem e as emoções dos personagens. Os balões são os espaços em que se encontram as falas e os pensamentos dos personagens. A utilização dos balões se une de tal forma com a representação imagética do personagem que se confunde com ela, contribuindo para a compreensão da totalidade do texto. Outra possibilidade de exploração dos balões, na ficção quadrinizada, é o uso metalinguístico, isto é, quando esse recurso chama a atenção para si e para o próprio gênero, como, por exemplo, quando o balão "cai" sobre um personagem.

Essa marca própria das histórias em quadrinhos dá força para a ficção, pois o leitor logo percebe que está em ambiente regido por normas específicas de expressão, tempo e espaço. Ele sabe que, na realidade, as pessoas não são acompanhadas por balões que expressam seus pensamentos e sentimentos.

Outro elemento que oferece pistas ao leitor da ficcionalidade do ambiente é a presença do corte gráfico, o momento em que adentra o narrador. Pode ser um corte espacial ou temporal, que quebra a narrativa para situar e orientar o leitor em determinado tempo ou lugar direcionado. É exatamente o corte gráfico que guia a elipse - o tempo destinado às construções imaginárias do leitor (CIRNE, 2005).

Os personagens das histórias em quadrinhos também estão carregados de características fantásticas e ficcionais, embora eles tenham como referência a realidade de anseios, desejos e problemáticas da infância, como, por exemplo, o super-herói, os estereótipos infantis, o menino que transgride normas sociais e a

menina que realiza façanhas impossíveis. Dessa forma, os heróis dos quadrinhos têm um forte apelo para a sensibilidade infantil, ao abordar, de forma sutil e bem humorada, as experiências humanas.

O humor é uma forte marca das histórias em quadrinhos. Ele aparece de forma intencional na realização de inferências com elementos da realidade, na atualização de histórias por meio da paródia, nas piadas e nos trocadilhos explícitos, provocando a experiência estética. Esse elemento, segundo Bergson (1987), também se manifesta no inusitado da abordagem que, ao brincar com as fragilidades humanas, ridicularizando-as, quebra expectativas de forma criativa, impactante e risível.

É necessário entender que as histórias em quadrinhos não se constituem como gênero literário, apesar do seu conteúdo ficcional, de sua função estética e simbólica, plurissignificação e ludicidade (CIRNE, 2005). É um gênero com suas especificidades e riquezas próprias que, apesar de possuir algumas características em comum com o texto literário, se diferencia dele em aspectos fundamentais. Diferentemente das histórias em quadrinhos, a literatura é um trabalho elaborado e complexo sobre a palavra, na qual a linguagem verbal é a principal matéria-prima, o que faz com que o uso da linguagem não-verbal seja, de certo modo, dispensável. Os contos literários, por exemplo, aprofundam e problematizam a realidade humana, abordando-a, em diferentes perspectivas, entretanto mantêm-se únicas.

De sua parte, o texto quadrinizado faz alguns empréstimos à linguagem literária e, especificamente à estrutura dos contos, a narratividade, o potencial descritivo e compartilha com a literatura sua ficcionalidade. Esses elementos compõem uma estrutura que também proporciona ao leitor uma leitura estimulante com figuras simbólicas, ambientes e personagens ficcionais que, no entanto, renascem a cada história.

As narrativas em quadrinhos são produções culturais atuais, inseridas no contexto das palavras e das imagens, que podem manter relação intertextual com a literatura. Sobre isso Amarilha (2006, p.107) alega:

A produção contemporânea faz uma transgressão autorizada do patrimônio cultural e ainda introduz o leitor nos valores de sua geração. Vale ressaltar que na linguagem dos quadrinhos a tradição vem resumida, levando o leitor de hoje a fazer o trabalho arqueológico de descobrir as referências e sentidos postos à sua disposição. Dessa forma, o processo intertextual desencadeado pela história contemporânea quadrinizada leva o leitor a transitar entre o passado e o presente, entre imagens e palavras.

Assim, entende-se que o conteúdo ficcional das histórias quadrinizadas resgata através da leitura memórias e elementos que transitam no tempo. Com uma nova roupagem, as HQs transitam entre o passado e o presente, o real e o simbólico, de uma maneira particular que visa à experiência estética e prazerosa.

Sendo assim, as histórias em quadrinhos permitem um tipo muito particular de interação com o seu leitor, o qual é proporcionado pela simultaneidade entre a linguagem verbal e a não-verbal. Auxiliado pelas duas linguagens, esse leitor

formula imagens e sentidos simbólicas daquilo que é lido, interagindo com o texto e com o autor.

A leitura dos quadrinhos, assim como a leitura de outros textos ficcionais, desenvolve habilidades no leitor, possibilitando avanços de ordem cognitiva, afetiva e social e avanços na experiência leitora. Evidentemente, não se lê uma história em quadrinhos como se lê um livro literário. Cada gênero apresenta particularidades que trazem contribuições à formação do leitor de ficção.

Quanto às particularidades dos quadrinhos, é importante ratificar: eles apresentam uma ficção lúdica, leve, bem humorada e prazerosa, que conduz à leitura simbólica para a narrativa gráfico-visual e valoriza a sistematização da forma - arte sequencial desenhada e estruturada em pequenos quadros.

Há quadrinhos que são autênticos clássicos dentro da arte sequencial do século XIX, quadrinhos esses que nos levam a um verdadeiro prazer da leitura. É o prazer da leitura que não se esgota no prazer em si, convém acrescentar deve nos envolver, preferencialmente com magia, na literatura, no cinema, no teatro, nos quadrinhos. Só assim nos transformaremos nos sensíveis "leitores felizes" bachelardianos; afinal, não pretendemos ser leitores inertes, passivos, parasitas. Como leitores felizes poderemos ser leitores produtivos (CIRNE, 2005, p. 42).

Quando se aborda a leitura produtiva e específica de ficção, pretende-se enfatizar a importância do gênero quadrinizado que, com sua ficcionalidade gráfica e textual, beneficia o desenvolvimento de um leitor crítico, reflexivo, autônomo e sensível à arte das histórias em quadrinhos. Portanto, é evidente que a leitura da ficção quadrinizada propõe uma leitura significativa nas dimensões estéticas, cognitivas e sociais.

Discutidas as especificidades da leitura de ficção das histórias em quadrinhos, é relevante refletir acerca da escolarização desses gêneros. Para isso, será debatido, no tópico seguinte, de que forma os textos ficcionais estão inseridos no âmbito escolar e qual a sua importância para a prática educacional.

## UMA AULA DE FICÇÃO COM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Escolheu-se para este momento, a análise de recortes das sessões de histórias em quadrinhos, nas quais foram lidas HQ da Turma da Mônica, que possuíam relação intertextual com os contos clássicos da literatura.

A linguagem ficcional presente nas histórias em quadrinhos provocou menos conflitos do que a linguagem literária dos contos de fadas, o que pode ser explicado pela legibilidade, leveza, rapidez e hibridade da linguagem, constituintes do gênero quadrinizado. Além de haver simultaneidade entre imagens e palavras, o texto de ficção é mais contemporâneo às crianças, é bem humorado e mais acessível do que o conto literário.

Primeiramente, optou-se por analisar uma sessão, na qual emerge a discussão da ficção frente à realidade. A HQ discutida foi *Magali Adormecida*, lida na

3ª sessão de leitura, realizada pela professora Adélia, da turma B. No momento de pós-leitura, a professora leva os alunos a discutirem o enredo, seguindo o percurso da narrativa, do qual fazemos o recorte abaixo:

Episódio 1: 3ª sessão de leitura - Turma B

Prof.: Qual foi a maldade que ela fez?

C.: Ela fez uma bruxaria.

Prof.: Ela fez uma bruxaria e qual foi a bruxaria que ela fez?

C.: É...a princesa, ao completar seis anos ia comer um caroço de azeitona para ela ficar em coma.

Prof.: Para ela ficar em coma?

C.: Até ela dormir para sempre.

C.: Professora!

G.: Dormiu para sempre até o príncipe beijá-la.

C.: Professora, ela comeu um caroço de azeitona enfeitado.

Prof.: E aconteceu a bruxaria?

Alunos: Aconteceu!

Nesse episódio, a aluna *C* toma como referência o mundo real para compreender a ficção e, assim, compara o efeito de um feitiço, (elemento fantástico e, nesse caso, cômico, visto ter sido usado um caroço de azeitona, parodiando o enredo clássico em que a personagem de Branca de Neve comia uma maçã enfeitada), com informação trazida da realidade, o *coma*, que significa inconsciência ou perda de sentidos provocada por algum tipo de enfermidade. Nesse caso, a aluna leitora apropriou-se de um conceito científico da realidade, o *coma*, para acercar-se do sentido apresentado pela linguagem ficcional dos quadrinhos, o *feitiço*.

A situação descrita acima representa uma excelente oportunidade para ensinar o caráter inventivo das histórias em quadrinhos, enquanto texto de valor ficcional específico e, nesse caso, paródico. Infelizmente, a oportunidade não é aproveitada pela professora que, ao invés de problematizar o conceito de *coma* trazido pela aluna, e sua adequação ou não ao contexto da história, segue com o seu planejamento. A professora questiona a intervenção da aluna "*Coma?*" tratando-a, aparentemente, como um equívoco de interpretação.

Na história da *Magali Adormecida*, o enredo ficcional do conto clássico *A Bela Adormecida* se constitui de modo paródico. O sono profundo da princesa, na ficção quadrinizada, é tratado com humor, pois, ao invés de uma magia, o que ocasiona o adormecer da personagem Magali, que é conhecida por ser muito

gulosa, é um caroço de azeitona. Assim, as histórias em quadrinhos levam seus personagens para viver uma história paródica, recriando enredos dos contos de fadas, mas mantêm as características de seus personagens e sua natureza ficcional.

Ao ler essa história, a aluna, com muita perspicácia, estabelece relação do sono profundo com o *coma*, ou seja, recorre ao seu repertório de experiências. Esse dado é um rico momento de mediação, em que a problematização em torno da fala da aluna pode levá-la à reflexão sobre o conceito de *coma*, trazido para a situação de leitura, em comparação com um sono que é ficcional e que, por isso, pode ser eterno e causado por um elemento fantástico. Com isso, a aluna pode aprender a ler ficção adequadamente, indo além de uma leitura referencial. Infelizmente a discussão não se encaminha para isso, apenas dá continuidade à retomada do enredo da narrativa.

Essa foi uma prática comum observada nas três professoras da pesquisa. Constatou-se que, frequentemente, elas não aproveitam as oportunidades para enriquecer a formação leitora de seus alunos discutindo, expandindo, comparando os conhecimentos que trazem com aqueles que possam ser acrescentados e que seriam pertinentes a uma aula de leitura de ficção.

As professoras mediadoras das sessões em análise, tentam potencializar o momento de formação leitora, conforme suas possibilidades. Quanto a essas tentativas, destaca-se um episódio ocorrido na turma da professora Adélia, na sessão de leitura da HQ *Os músicos do bairro do limoeiro*, na qual percebe-se claramente a tentativa da professora de explorar a ficção presente no texto.

A riqueza ficcional do texto é apresentada pelo seguinte enredo. Os personagens da Turma da Mônica se apresentam como os seguintes animais: burro, cachorro, gato e galo. Esses animais formam um grupo musical que vivencia muitas aventuras até se tornar famoso, dentre essas aventuras, há, até, o envolvimento em um crime.

Na pós-leitura do texto, as crianças destacam os momentos de que mais gostaram e, em seguida, a professora tenta problematizar a ficção do conto de fadas e sua intertextualidade com a história em quadrinhos. A discussão se concentrou no recorte abaixo:

Episódio 2: 6ª sessão - Turma B

P.: Professora! O galo ficou milionário?

Prof.: Por que o galo ficou milionário?

Prof.: Existe nesta história?

Todos: Não.

Prof.: Existe não? A galinha dos ovos de ouro? Vocês já ouviram esta história?

G.: Eu já.

Prof.: *Existe conto de fada?*

G.: Professora! Eu vou falar esse quadrinho aqui.

Prof.: Terceiro quadrinho, João Victor.

Todos: Ela está com raiva.

Prof.: Só queria que tivesse bruxa na história?

Prof.: No terceiro quadrinho, né, Crislene? No terceiro quadrinho está mostrando que ela não tem nada meiguinho. Está dizendo o quê? No terceiro quadrinho, olhem aí, por favor.

[...]

Observa-se, no episódio acima, que apesar da tentativa de discutir a HQ como paródia ficcional dos contos de fadas, a professora não consegue aprofundar a discussão em torno da ficcionalidade do texto, pois os alunos permanecem falando do enredo da narrativa e ela prefere não retomar a tímida iniciativa de discutir a natureza ficcional do texto no questionamento sem problematização: "*Existe conto de fada?*".

Assim como ocorre nessa sessão, a discussão dos textos da turma B é fundamentada nos destaques dos alunos, isto é, a professora, ao terminar a leitura, solicita às crianças que façam seus destaques, com ênfase na parte da história de que mais gostaram. Quanto ao uso dessa estratégia, reconhece-se que refazer o percurso da narrativa é importante para concretizar a compreensão do texto e comentar os momentos mais experimentados esteticamente, porém, sustentar a discussão apenas com esse enfoque diminui a possibilidade de expansão de temáticas relevantes, como é o caso do conceito de ficção.

Nessa turma, os aprendizes de leitura pouco demonstraram conflitos, no trânsito ficção e realidade, e se apresentaram não os externalizaram nas discussões, o que pode ser revelador de um contato satisfatório com a ficção ou não. Com base na realidade observada, é mais fácil inferir que a sequência didática adotada pela professora, no decorrer da aula, não dá espaço para a manifestação e exploração de conflitos de nenhuma natureza e, quando os alunos conseguem manifestar, não obtêm respostas e vivem um momento de frustração.

Diante de toda essa discussão que subsidia o estudo da ficção, percebe-se a fragilidade da leitura do gênero em situação escolarizada e a precária mediação docente, também justificada por uma incipiente formação leitora e profissional. Fica evidente que um professor que não possui repertório de leitura de ficção e formação docente adequada, dificilmente, apresentará propriedade e conhecimentos teóricos para realizar a mediação entre o leitor e o texto de ficção, seja o conto literário, seja a história em quadrinhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação evidencia a relevância da mediação docente como fundamental para o processo de formação leitora dos aprendizes, na leitura de ficção e na leitura dos quadrinhos na educação.

A relevância desta investigação também se deve à preocupação em conhecer e explorar a natureza ficcional das histórias em quadrinhos mediante análise de episódios da pesquisa de campo que ilustrou esse estudo e possibilitou perceber a relação da criança com a ficção em situação escolarizada. Quanto a isso, destacaram-se os conflitos dos aprendizes, rejeições e diálogos com a realidade nos momentos das discussões do texto ficcional, assim como se percebeu a fragilizada mediação realizada pelas docentes, as quais apresentaram incipiente formação docente para mediar essa formação de leitores de ficção.

No que concerne à leitura dos textos ficcionais, destaca-se que os quadrinhos possibilitam experiência estética, a interação com as palavras e com as imagens na construção dos sentidos, no contato com uma linguagem lúdica e simbólica que problematiza aspectos da realidade no plano da ficção. Enfatiza-se, ainda, a necessidade da formação leitora e pedagógica do mediador da leitura de ficção, de modo que ele possa assegurar um contato enriquecedor e adequado com o texto ficcional e estar preparado para lidar com os conflitos que surgem no trânsito da ficção para a realidade.

Ao se discutir a mediação do professor em aulas de leitura de ficção, objetivou-se refletir sobre as estratégias das professoras e os conflitos e necessidades dos alunos para, com isso, propor possíveis encaminhamentos que capacitam o professor no ensino de leitura de ficção, aumentando suas habilidades de mediador da palavra e da imagem.

Comprova-se, então, a necessidade de se investir na qualificação e formação do professor-leitor mediador de leitores, fortalecendo sua ação junto aos aprendizes, em face de uma atitude reflexiva sobre o ensino de ficção, que promovam práticas direcionadas para a formação leitora e literária desses alunos.

Refletindo sobre essa investigação, constata-se uma urgente necessidade de estudos que considerem a relação, muitas vezes conflituosa, da criança com a ficção, de forma a garantir um contato autônomo, satisfatório e significativo com o texto ficcional. Além disso, reconhece-se a importância da ficção para o desenvolvimento cognitivo, social e escolar da criança e, conseqüentemente, para a prática pedagógica do professor que se compromete com a qualidade do seu ensino e com a formação leitora de seus aprendizes.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: a leitura crítica na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. *Tradução* Guilherme de Castilho. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CIRNE, Moacy. **A escrita dos quadrinhos**. Natal: Sebo vermelho, 2005.

CIRNE, Moacy. **Literatura brasileira em quadrinhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

GRAVES, Michel F., GRAVES, Bonnie B. **The scaffolded reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text**. **Reading**. v. 29, n. 1, p. 29-34. Apr. 1995.

SOUSA, Maurício de. **A turma da Mônica em: Os 4 músicos do bairro do limoeiro**. São Paulo: Globo, 2001.

SOUSA, Maurício de. **Magali em: Magali adormecida**. São Paulo: Globo, 2001. n.320, p.3-17.